

Uma ciência voltada para pesos, tamanhos, luzes, sons e conforto.

Com pouco mais de 50 anos, a Ergonomia é uma ciência nova no Brasil. Envolve conhecimentos de Fisiologia, Psicologia, Antropologia, Antropometria e Biomecânica buscando fazer com que as pessoas trabalhem bem, harmoniosamente, sentindo-se confortáveis e seguras. Isso, naturalmente, resulta em eficiência.

Preocupa-se com todos os aspectos das condições de trabalho, desde os físicos, como as dimensões do mobiliário, que devem ser adequadas ao tipo físico das pessoas, até a iluminação, ruído e temperatura. No caso da luz, quanto mais precisão exigir o trabalho — caso dos consertos de relógios, desenhos, inspeção de cores, bordados e costuras — mais específica deve ser, direta, além da que vem do teto, para que se possa enxergar bem o que está fazendo. Senão, com o tempo, de tanto curvar-se sobre o objeto e forçar a vista, além de perder a acuidade visual, se terá problemas de coluna, dor de cabeça e na nuca.

Dimensões, formas e conceção do posto de trabalho são outras preocupações da Ergonomia, assim como o tipo de atividade

que se realiza. E o ritmo delas. Movimentos excessivamente repetidos, além de ruins para o corpo, já que a pessoa se transforma em uma espécie de robô (basta lembrar o **Tempos Modernos**, de Carlotto) também causam profundos danos psíquicos. Por isso, hoje em dia, nas fábricas, procura-se utilizar o sistema de rodízio entre os operários que trabalham na linha de produção.

Há ferramentas de trabalho que não são dimensionadas de acordo com as características do corpo do trabalhador. É o caso do serrote, por exemplo. Operário com mão grande não consegue enfiá-la no cabo do serrote e, se enfa, tem problema para tirar depois. A luva de segurança para pedreiros e serralheiros, copiada do modelo americano, tem tamanho único. E o resultado é que ficam dançando nas mãos daqueles de mãos médias e pequenas.

Por essas e outras é que a Fundacentro está fazendo um levantamento das dimensões do corpo do trabalhador brasileiro. Esses dados irão municiar empresas e fabricantes de móveis, máquinas e ferramentas, para que, daqui para

a frente, façam equipamentos e utensílios adequados em vez de tantos — fornos, prensas, comandos — que dificultam a ação do operador.

Um boa regra para um bom desempenho é aproximar-se ao máximo do plano de trabalho. Coisa que não acontece, por exemplo, em pias com móveis até o chão. Entre o lavatório e a pessoa que vai lavar os pratos, fica uma distância de aproximadamente 40 centímetros — o tamanho dos pés dela. Então, o jeito é curvar-se. E lá se vai a coluna. Esse exemplo vale para guichês de banco e bancadas de linha de montagem onde é preciso curvar-se para preencher formulários ou executar a tarefa.

Um conselho do designer Ricardo Serrano é de que ao se colocar uma pia, uma maçaneta, um tanque, saboneteira ou armário em casa, leve-se em conta a altura média da família, para que todos alcancem sem dificuldade. E que, ao comprar produtos, não se deixe levar pela beleza, versatilidade e durabilidade apenas. Pense que vai usar e que ele deve ser, portanto, principalmente funcional.

Paulo Giordano

As cadeiras de balanço, ao lado, e a outra, para trabalho com micro, da Escriba (abaixo), são exemplos de preocupação com ergonomia. O que não existiu na concepção do banco de lanchonete (última foto).

